

O 'ANTECESSOR PORTUGUÊS' ENQUANTO 'FETICHISTA' NA PROPAGANDA COLONIAL INGLESA SOBRE O "DARK CONTINENT"

DOI: 10.5935/2177-6644.20160016

THE 'PORTUGUESE PREDECESSOR' AS A 'FETISHIST' IN BRITISH COLONIAL PROPAGANDA ABOUT THE "DARK CONTINENT"

EL 'ANTECESOR PORTUGUÉS' ALGO FETICHISTA EN LA PROPAGANDA COLONIAL INGLESA SOBRE EL "DARK CONTINENT"

João de Castro Maia Veiga Figueiredo *

Resumo: Este artigo procura perceber qual é o lugar reservado à figura dos 'antecessores portugueses' na literatura colonial inglesa, especialmente no período que marca a transição do consenso público em relação ao abolicionismo assente no bloqueio naval para a apologia da anexação territorial (1810-1840). Serão consideradas obras de Thomas Bowdich, Thomas Buxton, Richard Lander e James Tuckey.

Palavras-chave: Mito do "Dark Continent". 'Fetichismo'. 'Antecessores portugueses'.

Abstract: This article explores the role attributed to 'Portuguese predecessors' in works by Thomas Bowdich, Thomas Buxton, Richard Lander and James Tuckey. Its chronological focus will be on the period that bridges the gap between the public consensus regarding the abolitionist efficacy of the naval blockade, and the apology of territorial annexation (1810-1840).

Keywords: Myth of the "Dark Continent". 'Fetichism'. 'Portuguese predecessors'.

Resumen: Este artículo busca percibir cuál es el lugar reservado a la figura de los antepasados portugueses en la literatura colonial inglesa, especialmente en el período que marca la transición del consenso público en relación al abolicionismo basado en el bloqueo naval para la apología de la anexión territorial (1810-1840). Se considerarán obras de Thomas Bowdich, Thomas Buxton, Richard Lander y James Tuckey.

Palabras claves: Mito del "Dark Continent". "Fetichismo". "Antesores portugueses".

* Investigador colaborador do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX (CEIS20) e Centro de História da Sociedade e da Cultura (CHSC) da Universidade de Coimbra, Portugal. E-mail: de.castro.maia@gmail.com

Numa gélida caverna africana, perto do cume de um dos vulcões adormecidos conhecidos como “Seios de Sabá” ou “*Sheba’s Breasts*”, descansa ainda hoje um cadáver de identidade disputada. Segundo fontes inglesas, o defunto é “*José da Silvestra*”, um “*Delagoa portuguee*”, casta ignóbil caracterizável da seguinte forma: “*there is no greater devil unhung in a general way, battenning as he does upon human agony and flesh in the shape of slaves*” (QUEIRÓS, HAGGARD e FREELAND, 2008, p. 118). De acordo com as autoridades portuguesas, o corpo pertence ao fidalgo “D. José da Silveira”, ilustre colono de Lourenço Marques, desaparecido desde 1590 a serviço de seu Rei (QUEIRÓS, HAGGARD e FREELAND, 2008, p. 119). Apesar desta divergência, num ponto específico portugueses e ingleses estão de acordo: era português este infeliz pioneiro, cuja remota descoberta dos “Seios de Sabá” e do reino africano dos “*Kakuanas*” viria a despoletar os incríveis eventos narrados na *Revista de Portugal*, entre outubro de 1889 e junho de 1890, e previamente abordados na popular obra *King Solomon’s Mines*, dada ao prelo no Reino Unido em 1885 (QUEIRÓS, HAGGARD e FREELAND, 2008, p. 30-40).

O curto exercício ficcional em epígrafe tem como propósito a criação de uma ambiência temporária de “suspensão da descrença”,¹ servindo assim, pelo seu conteúdo e forma, para ensaiar o cumprimento de três objetivos. Primeiro, realçar a enorme importância que esta técnica narrativa teve na criação ou consolidação de estados emocionais que foram essenciais à rápida propagação e assimilação por parte dos leitores da propaganda colonial inglesa ou portuguesa (PARAVISINI-GEBERT, 2002, p. 229-257). Quer a literatura sobre os Impérios fosse assumidamente ficção, não ficção, ou qualquer outra forma mais ou menos híbrida, o recurso de seus autores ao *phatos* proporcionado pela “suspensão da descrença” era transversal. Segundo, começar a demonstrar que ao longo do século XIX a presença de ‘antecessores portugueses’ nas narrativas propagandísticas inglesas e portuguesas sobre África se mantém um tema recorrente, que merece ser o tópico de uma análise autónoma. O foco deste artigo no tropo literário dos ‘antecessores portugueses’ não decorre porém de uma tentativa revisionista de reabilitar a presença portuguesa em África ou de glorificar a sua precedência. O grande interesse de estudar a forma como os autores ingleses críticos da escravatura trabalharam nas suas obras os traços da presença portuguesa em África torna-se claro tendo em conta o debate despoletado pelo artigo *An Image of Africa: Racism in Conrad’s Heart of Darkness*, de Chinua Achebe.

Em *An Image of Africa*, o escritor nigeriano expõe de forma clara e intransigente que o polaco Joseph Conrad (1857-1924), apesar de todos os louros que possa ter

¹ Tradução do conceito de “*suspension of disbelief*”, ‘ginástica’ mental teorizada por Samuel Tylor Coleridge e adotada em grande escala pelos Românticos ingleses (COLERIDGE, 1852, p. 441-442).

enquanto denunciante das atrocidades do imperialismo do Rei Leopoldo II da Bélgica (1835-1909), nunca deixa de ser racista, primando a sua mais difundida obra, *Heart of Darkness* (1899), pelo seu ódio aos negros africanos (ACHEBE, 1977, p. 1789-1790). A polémica que se seguiu à publicação do texto de Achebe, inicialmente uma palestra proferida na Universidade do Massachusetts (1975), resultou num recentrar de atenção crítica para os processos de criação do mito inglês sobre o “Dark Continent” (WISNICKI, 2009, p. 101-115). No rescaldo da intervenção de Achebe, Patrick Brantlinger defende que o racismo de Conrad resulta de dois fatores (BRANTLINGER, 1985b, p. 279-286). Primeiro, da sua aceitação e reprodução acrítica de uma série de mitos previamente dados ao prelo sobre África, levando assim os seus leitores pela “suspensão da descrença” ao extremo de tomarem rumores sobre canibalismo africano como verdades presenciadas em primeira mão (BRANTLINGER, 1985b, p. 286). Segundo, da aceitação de representações maniqueístas como forma de explicar o ‘teatro’ colonial: de um lado o ‘idealismo’, o ‘bem’ e o europeu ‘branco’, do outro o ‘materialismo’, o ‘mal’ e o africano ‘negro’ (BRANTLINGER, 1985b, p. 284-288).

Neste esquema, ‘idealistas’ como a personagem “Kurtz” apenas se tornam agentes do ‘mal’ quando abandonam os seus ideais, ou “state of spiritual grace” nas palavras de Achebe, trocando-os por lucro, ambição ou, mais prosaicamente, marfim e borracha (ACHEBE, 1977, p. 1784; BRANTLINGER, 1985b, p. 284). No seu processo de decadência, seguindo a mundivisão de Conrad, os ocidentais tornam-se ‘idolatrás’ ‘como os africanos’, desde o início tidos como ‘fetichistas’, vítimas de uma “triumphant bestiality” e, enquanto tal, incapazes de aceder ao Elísio do ‘idealismo’ europeu (ACHEBE, 1977, p. 1785). Como Brantlinger imediatamente repara, nesta economia ‘maniqueísta’ não é concedido qualquer espaço à figura dos comerciantes árabes ou muçulmanos, que, na data retratada por *Heart of Darkness*, se batiam contra os agentes de Leopoldo II na disputa pela hegemonia do espaço económico delimitado pelas fronteiras do Estado Livre do Congo (1885-1908). É neste contexto de ‘purificação’ extrema dos dois pólos em que assenta o discurso sobre os Impérios de finais de Oitocentos que se torna interessante tentar perceber como foi trabalhada a figura do ‘antecessor português’. Que não foi pura e simplesmente apagada, como o foram os árabes em *Heart of Darkness*, torna-se claro tendo em conta o *cameo* que “José da Silvestra” faz na amplamente divulgada obra de Henry Rider Haggard (1856-1925).

Em Inglaterra, a assiduidade das referências aos ‘antecessores portugueses’ em África pode ser facilmente atestada, desde o período em que se dá o recentrar da defesa do abolicionismo assente no bloqueio naval para a apologia de um imperialismo de protectorado (c. 1830-1840), até à época convencionalmente definida como o início da ocupação colonial efetiva do continente (1885-1900) (ALEXANDRE, 1998, p. 115-119; BRANTLINGER, 1985a, p. 166-168; 1988, p. 19-45). Em Portugal, a antiguidade da presença lusa no continente foi também recorrentemente mobilizada ao longo do século XIX, de acordo com a lógica que Valentim Alexandre descreve na sua análise das iterações do que apelida o “mito da herança sagrada” (ALEXANDRE, 1995). Como *King Solomon’s Mines* e a subsequente tradução de Eça de Queirós (1845-1900) demonstram, estas duas empresas retóricas não decorreram em perfeito paralelo, mas entrecruzaram-se e influenciaram-se mutuamente, sendo interessante notar que logo a partir da década de 1840 as referências aos pioneiros portugueses que eram transmitidas ao público luso o eram, por vezes em ‘segunda mão’, a partir de obras de autores ingleses, tópico que começará a ser abordado atendendo à tradução de Thomas Edward Bowdich (1791-1824) em Portugal.

Finalmente, um terceiro ponto pode ser proposto, tendo em conta as obras a que a epígrafe alude. Os ‘antecessores portugueses’ e o *demós* que representavam, por sinédoque ou metonímia, são alvo de um libelo constante por parte dos ingleses, ainda que claramente menos virulento do que o que vinha sendo ensaiado contra os africanos negros ou comerciantes árabes. O poder emocional desta propaganda junto dos leitores é mantido pelo recurso à “suspensão da descrença” e à aproximação retórica dos ‘antecessores portugueses’ aos horrores que são fantasiados e projectados nos ‘Outros’ africanos. Por outras palavras, quando no período vitoriano (c. 1830–1900) se consolida em Inglaterra o mito do “Dark Continent” (BRANTLINGER, 1985a, p. 169-175), as descrições fantasiosas e hiperbólicas de supostos costumes africanos que o alimentam são acompanhadas de caracterizações marcadamente negativas dos portugueses. Como se encaixam os portugueses e seus traços históricos nos esquemas binários que vão sendo construídos, e que consequências o seu posicionamento tem no renovado colonialismo português pós-*Ultimatum* (1890)?

Neste artigo defende-se que os ‘antecessores portugueses’ são invariavelmente colocados do lado ‘materialista’ da barricada, o que permite uma sua subordinação face a demais agentes imperiais, colocando-os no campo do ‘mal’ sem que o binómio

‘negro/branco’ seja necessariamente mobilizado. Estudar este processo é portanto mais uma forma de aferir o impacto que acusações de prática de ‘fetichismo’, no fundo formas de atestar a impossibilidade mental de acesso ao ‘idealismo’ (PIETZ, 1982, 1985, 1987, 1988), tiveram na justificação da subalternização dos africanos ou dos ‘Outros’ internos à Europa – a despeito da ‘raça’ na qual estes fossem incluídos. Quando Eça de Queirós ensaia, já no período conturbado entre a Conferência de Berlin (1884-1885) e o *Ultimatum* (1890), resgatar na sua tradução² a figura de “José da Silvestra”, transformando este aventureiro ignóbil na figura aristocrática de “D. José da Silveira”, o seu esforço está portanto condenado a falhar (QUEIRÓS, HAGGARD e FREELAND, 2008). A associação entre portugueses e ‘selvagens’ negros africanos, traçável pelo menos desde *A New and Accurate Account of the Coast of Guinea* de Willem Bosman (1702) (PIETZ, 1982, 1988), vinha sendo trabalhada em Inglaterra, e nas demais metrópoles europeias, de uma forma constante e emocionalmente eficaz, havia décadas. Curiosamente, a construção em Inglaterra de uma espécie de ‘lenda negra’ sobre os portugueses em África tem lugar em constante diálogo e interação com fontes e autores portugueses, que se tornam portanto agentes ativos na construção da sua própria subalternidade. Como explicar este paradoxo?

Enquanto lamentavam a “brutalidade” do imperialismo britânico (QUEIRÓS, HAGGARD e FREELAND, 2008, p. 47-49), Eça de Queirós e os membros da sua geração procuravam ‘defensivamente’ emular em Portugal o que acreditavam ser a ‘essência da modernidade’ da Europa transpirenaica (CATROGA, 1999, p. 211-230). Neste artigo defendemos que é precisamente esta tentativa de actualização face a demais impérios europeus que leva a que elementos do mito do “*Dark Continent*” sejam acriticamente adoptados em Portugal, resultando na interiorização de libelos auto-depreciativos contra os ‘antecessores portugueses’. A evolução deste processo pode ser seguida atendendo à forma como uma série de autores britânicos construíram a figura do ‘antecessor português’, neutralizando assim qualquer argumento legitimista de ocupação colonial baseado na anterioridade de descoberta. De entre os mais representativos, serão trabalhados os legados de Thomas Bowdich, Thomas Buxton, Richard Lander e James Tuckey, pois estes autores, relativamente ignorados no contexto português em relação aos mais mediáticos exploradores da geração de Livingstone, foram instrumentais na

² Sobre a polémica em torno do apurar se Eça foi ou não o tradutor de *Minas de Salomão*, bem como para uma análise das motivações económicas da escolha desta obra popular, consultar a introdução da sua edição crítica, da responsabilidade de Alan Freeland (QUEIRÓS, HAGGARD e FREELAND, 2008, p. 15-86).

cristalização da figura do ‘antecessor português’ num período de transição quer do colonialismo britânico quer português (c. 1820-1840). Ao longo da análise será tido em conta como a obra destes autores impactou o contexto português, fechando o circuito de influências tornado explícito na tradução de Eça de *King Solomon’s Mines*.

Thomas Bowdich e a inclusão da sua tradução nos *Annaes Maritimos e Coloniaes*

Quando em 1840 começam a ser dados ao prelo os *Annaes Maritimos e Coloniaes* – *Publicação mensal redigida sob a direcção da Associação Marítima e Colonial* (1840-1846), estes são apresentados aos leitores como repositório desinteressado das “descrições dadas pelos socios dos paizes a que aportarem, e as observações, que tiverem feito no decurso das suas viagens”.³ Apesar deste penhor de neutralidade epistemológica, o órgão de divulgação da Associação Marítima e Colonial (1839) imediatamente veicula uma posição política próxima aos desígnios de Sá da Bandeira, seu proeminente impulsor (ALEXANDRE, 1998, p. 66-75; LOBATO, 2008). A ‘visão’ colonial que começa a ser expressa nas páginas desta publicação, que arranca no longo rescaldo do decreto antiescravagista de 10 de dezembro de 1836 (MARQUES, 1995, 1999), vem a demonstrar-se próxima a uma leitura idealizada do novo projeto africano do Império Britânico (BRANTLINGER, 1985a). Esta influência torna-se clara atendendo às sucessivas discussões dos tópicos tidos, à data, como centrais à regeneração do Império Africano Português: a renovação do esforço missionário, a ocupação territorial efetiva e a introdução de novas culturas e manufaturas (ALEXANDRE, 1998, p. 64-66; DIAS, 1998, p. 379-383, 512-515).

Exemplos desta ‘anglofilia platónica’, por vezes, explícita, outras, manifesta somente no assumir de modelos ideais apresentados como abstractos e, paradoxalmente, encoberta por entre propaganda antibritânica, são textos como as “Breves considerações sobre a pregação do Evangelho na Africa” de António Maria Couceiro,⁴ a “Noticia do estado do commercio de Portugal com as suas possessões ultramarinas”, de José Tavares

³ **Annaes Maritimos e Coloniaes.** Publicação Mensal Redigida sob a direcção da Associação Marítima e Colonial (1840-1841), 1.ª Série. Lisboa: Imprensa Nacional, p. 10.

⁴ Neste texto, é defendida uma reforma das instituições religiosas das colónias portuguesas assente não no envio de clérigos metropolitanos para África, mas na formação de “filhos da terra”, tornando-os “tão Christãos quanto convenha ao bem de suas almas, ao nosso commercio e vistas politicas”. De acordo com António Couceiro, desta política resultariam aumentos no “commercio” semelhantes aos das “Colónias Inglezas”, pois de acordo com o autor aí a economia havia “crescido na proporção do progresso das Missões, tanto dos Ministros Protestantes como dos Catholicos Romanos”. **Annaes Maritimos e Coloniaes.** Publicação Mensal Redigida sob a direcção da Associação Marítima e Colonial (1840-1841), 1.ª Série. Lisboa: Imprensa Nacional, p. 29-33.

de Macedo,⁵ e finalmente a intervenção do Major Henrique Duarte Chateaneuff.⁶

Citando o último:

[...] só por meio de uma guerra poderão sahir [os naturais] deste estado e acabar o rito bárbaro e supersticioso que seguem, e terminar o costume de se saquearem e assassinarem reciprocamente nas estradas, nas continuas guerras que promovem, quasi sempre motivadas com o fim de se apossarem dos gados e outras vantagens, e para se esquivarem ao trabalho, o qual têm recusado, não obstante as soldadas razoáveis que se lhes têm concedido.⁷

No discurso do Major Chateaneuff é clara a influência da virada que marcou a transição de um consenso na opinião pública inglesa em relação à eficácia do bloqueio naval enquanto forma de evitar as hecatombes relacionadas com o tráfico negreiro, para a apologia de uma ocupação territorial ‘humanitária’ de África (BRANTLINGER, 1988, p. 19-45). Tal como este documento atesta, a legitimação internacional do esquema de ‘protectorado’ começa, a finais da década de 1840, a depender não da denúncia dos crimes cometidos em alto mar, nas Antilhas ou demais colónias americanas, para assentar no lamento do “rito bárbaro e supersticioso” dos sertanejos africanos, apenas redimíveis após uma ocupação colonial ‘efetiva’, resultante de uma vitória inequívoca no campo das armas.

Este contexto de aproximação mais ou menos velada a um ideal de colonialismo baseado na leitura interessada do exemplo inglês é importante para enquadrar a publicação nos *Annaes Maritimos e Coloniaes* dos “Extratos de uma Obra publicada em Londres em 1824, em inglez, cujo titulo traduzido é o seguinte: Relação dos descobrimentos feitos pelos Portuguezes no interior de Angola e Moçambique. Tirado de

⁵ José Macedo é bastante crítico dos defensores de regimes de trabalho forçado, com base em argumentos ligados à suposta ociosidade congénita dos africanos negros. O autor, após defender que “não é só entre os pretos, mas é verdade igualmente applicavel aos homens da familia Européa, que quem pode deixar de trabalhar, não trabalha”, expõe que os “acusadores [dos africanos negros] são homens que queriam aproveitar-se do trabalho alheio sem remuneração”. Face a este quadro, José Macedo propõe que sejam estabelecidas “honrosas e não criminosas relações com os naturaes do paiz”, acreditando ser “urgente [a] formação de uma systema colonial” próximo do inglês. **Annaes Maritimos e Coloniaes**. Publicação Mensal Redigida sob a direcção da Associação Maritima e Colonial (1841-1842) 2.ª Série. Lisboa: Imprensa Nacional, p. 135.

⁶ O Major Henrique Duarte Chateaneuff era à data Governador de Benguela, havendo estabelecido relações comerciais directas com o “Vice-Almirante comandante das forças navaes Britannicas [...] para o fornecimento de quatrocentos bois por anno, para a Ilha de Santa Helena”. No pensamento colonial que expõe nas páginas dos *Annaes*, a principal influência britânica parece ser a ênfase na ocupação territorial como forma de por cobro a supostas atrocidades cometidas no sertão de Benguela.

Annaes Maritimos e Coloniaes. Publicação Mensal Redigida sob a direcção da Associação Maritima e Colonial (1840-1841), 1.ª Série. Lisboa: Imprensa Nacional, p. 168.

⁷ **Annaes Maritimos e Coloniaes**. Publicação Mensal Redigida sob a direcção da Associação Maritima e Colonial (1840-1841), 1.ª Série. Lisboa: Imprensa Nacional, p. 169.

manuscriptos originaes por T. E. Bowdich”.⁸ De outra forma, não é completamente inteligível⁹ a opção de incluir no órgão de propaganda da Associação Marítima e Colonial uma tradução da obra *An Account of the Discoveries of the Portuguese in the Interior of Angola and Mozambique: from original manuscripts* (1824) de Thomas Edward Bowdich (1791-1824),¹⁰ em detrimento da escolha de reproduzir os originais nos quais o inglês baseia a sua monografia. Estes, segundo o próprio, haviam sido recolhidos em Lisboa, durante agosto de 1822 (SHEALES, 2011, p. 339), com a colaboração do antigo Governador-Geral de Angola António de Saldanha da Gama (1806), de forma a avançar ao mesmo tempo com uma agenda científica e filantrópica (BOWDICH, 1824, p. i-4; 1873, p. vii). De acordo com Thomas Bowdich, os “Portuguese settlements in Africa, from their antiquity, extent, and influence, have long excited the anxious curiosity of men of letters, no less than of philanthropists”, os últimos desejando “to possess information that might enable them to promote the moral improvement of a large portion of the great family of mankind” (BOWDICH, 1824, p. 1).

An Account of the Discoveries of the Portuguese comprova portanto que no Reino Unido o crescente interesse científico pelo interior do Continente Africano decorria em simultâneo com o recentrar das atenções filantrópicas da defesa do bloqueio naval para a apologia do “moral improvement” da “large portion of the great family of mankind” que vivia no sertão, sendo ambas as tendências coevas com a consolidação de mitos do “Dark Continent” e a crescente legitimação do sistema de protectorado (BRANTLINGER, 1988, p. 19-45). Nesta obra, Thomas Bowdich proporciona igualmente pistas preciosas quanto à forma como a presença portuguesa no continente é teorizada, que são mais facilmente contextualizadas tendo em conta a sua *Mission from Cape Coast Castle to Ashantee, with a descriptive account of that kingdom* (1819),¹¹ e *Excursions in Madeira and Porto Santo during the autumn of 1823, while on his third voyage to Africa* (1825).

⁸ **Annaes Maritimos e Coloniaes.** Publicação Mensal Redigida sob a direcção da Associação Marítima e Colonial (1843), 3.ª Série, parte não oficial. Lisboa: Imprensa Nacional, p. 544.

⁹ Um outro aspecto que obviamente contribuiu para a adoção desta solução foi a sua facilidade relativa de execução, tendo em conta que em 1843 ainda se vivia um período de rescaldo em relação ao caos da Guerra Civil.

¹⁰ Para uma síntese biográfica recente de Thomas Edward Bowdich, uma personagem difícil de seguir pelo misto de mitomania e segredo quanto às origens com que vai temperando os detalhes autobiográficos que proporciona, consultar (SHEALES, 2011, p. 32-75).

¹¹ Será igualmente analisada a reedição desta obra de 1873, mais curta e com algumas passagens polémicas cortadas, de forma a permitir traçar permanências e omissões (BOWDICH, 1873).

Mesmo uma leitura superficial destas duas últimas obras é suficiente para tornar imediatamente claro que Bowdich não tem em grande consideração os portugueses, como é em parte subentendido nas páginas iniciais de *An Account of the Discoveries of the Portuguese*, ambíguas apenas porque nelas não é certo se o autor britânico critica o povo, ou a política do Antigo Regime português (BOWDICH, 1824, p. 2-4). Em *Mission from Cape Coast Castle to Ashantee*, é dada ao prelo a seguinte passagem, suposta transcrição de um diálogo de Thomas Bowdich com o seu escravo “Odumata”:¹² “He entered into conversation concerning the power of England over other nations, [...] [ele] had seen many Portuguese, but did not like them, “as they were all wenches!” He seemed pleased that I did not like them either” (BOWDICH, 1819, p. 385). Tal antipatia é de novo articulada na obra *Excursions in Madeira and Porto Santo*, em que Bowdich narra precisamente a ocasião em que alinhavou a obra que os *Annaes Maritimos e Coloniaes* traduziriam para português (BOWDICH, 1825, p. 1-4). Então, o autor lança o seguinte libelo aos portugueses:

It has almost always been the custom with every Portuguese, holding a distinguished appointment, such as that of a minister or governor, to preserve copies of all the despatches and instructions written and received by him during his administration, as well as of every other official document, and to have them bound together on his retirement, and deposited in the family library, like any other historical volume, for his own justification, and for the honour and instruction of his descendants. Thus much has escaped in manuscript, which would have been condemned by that Inquisition which allowed no man a bible, which authorised the Custom-House to rob the foreigner even of his prayer-book, which stole any man from his family whom a malignant or designing neighbor fee'd them to impale (BOWDICH, 1825, p. 2-3).

Depois desta breve introdução à forma como conseguiu fontes para a sua obra, o autor alonga-se nas suas acusações de cabotagem às elites portuguesas, concluindo agastado que “the word gentleman, however, is not understood in France or in Portugal, perhaps not on the continent” (BOWDICH, 1825, p. 4). Apesar da sua virulência, estas acusações de Bowdich não são de todo originais, ecoando o tom de famosas críticas de Voltaire em *Candide, ou l'Optimiste* (1759).

¹² Passagem excluída da reedição de 1873 (BOWDICH, 1873). Não sendo certa a causa desta omissão, é mais provável que esta se deva à referência problemática à posse de escravos, e não a uma preocupação em relação à forma como os portugueses são retratados.

Original em Bowdich é portanto a forma como os ‘antecessores portugueses’ em África são subalternizados, ao mesmo tempo que a sua presença e pioneirismo são admitidos, e que uma ‘lenda negra’ sobre os africanos negros começa a ser veiculada, fortalecendo as bases dos mitos do “Dark Continent”. Uma passagem de *Mission from Cape Coast Castle to Ashantee* é especialmente interessante para a análise desta dinâmica, nomeadamente aquela em que é narrada a visita da comitiva do autor ao “Rei” de Coomassie (BOWDICH, 1819, p. 37-38; 1873, p. 40-41). Nesta, depois de descrever a composição dos “fetishes” e símbolos de poder locais¹³ (BOWDICH, 1819, p. 31-33; 1873, p. 33-35) e a crueldade do “most inhumane spectacle” de uma execução (BOWDICH, 1819, p. 33; 1873, p. 36), Bowdich refere ainda, *en passant*:

The cook had a number of small services [...] and a large quantity of massy silver plate was displayed before him – punch-bowls, waiters, coffee-pots, tankards, and a very large vessel with heavy handles and clawed feet, which seemed to have been made to hold incense. I observed a Portuguese inscription on one piece, and they seemed generally of that manufacture. The executioner, a man of an immense size, wore a massy gold hatchet on his breast; and the execution stool was held before him, clotted in blood (BOWDICH, 1819, p. 37-38, 1873, p. 40-41).

Torna-se claro que apesar de o autor repetir o *cliché* de que os nativos aguardavam com ansiedade a oportunidade de “behold white men for the first time” (BOWDICH, 1819, p. 33; 1873, p. 35), os portugueses, representados significativamente pelos seus vestígios materiais¹⁴, haviam já presenciado igual espetáculo, e participado em semelhante corte¹⁵, sendo assim associados à forte carga emocional de repulsa que Bowdich espera transmitir aos seus leitores. Esta associação dos ‘antecessores portugueses’ com as instituições nativas que, mesmo quando apresentadas de uma forma

¹³ O autor nomeia “large drums [...] braced around with the thigh-bones of their enemies, and ornamented with their skulls”, “horns [...] ornamented [...] with the jaw-bones of human victims”; e os “human trophies of the soldiers” (BOWDICH, 1819, p. 36, 41; 1873, p. 38, 39, 44).

¹⁴ Não só cutelaria em prata, mas um item claramente associado aos rituais católicos: o incensário. Nesta sua obra, Bowdich viria a referir outros traços materiais da presença lusitana em África, nomeadamente algumas espécies vegetais exóticas (BOWDICH, 1819, p. 326, 337, 444; 1873, p. 274) e as ruínas de um forte (BOWDICH, 1819, p. 422). Na versão de 1819, o autor britânico refere mesmo que “according to the natives the Portuguese settled here first [Acra] [...] and exercising the greatest cruelties and enormities, were extirpated by the Accras” (BOWDICH, 1819, p. 218). Para além de traços materiais, Bowdich relata ainda uma série de influências toponímicas (BOWDICH, 1819, p. 215, 349-350).

¹⁵ De notar que Bowdich refere a presença de uma comitiva muçulmana, a que se refere simplesmente como “the Moors” (BOWDICH, 1819, p. 37; 1873, p. 40), e o manuseamento de mosquetes dinamarqueses e bandeiras desta e de outras nacionalidades europeias (britânicas e holandesas) (BOWDICH, 1819, p. 31,36; 1873, p. 34, 37).

relativamente neutral, o são enquanto profundamente ilógicas (BRANTLINGER, 1985a, p. 173), dá-se de novo quando Bowdich tenta fazer sentido da tradição local segundo a qual os “Ashantee, Warsaw, Fantee, Akim, Assim, Aquamboe, and part of the Ahanta nations” descenderiam de doze “tribes or families” (BOWDICH, 1819, p. 229-230; 1873, p. 180-181),¹⁶ às quais reclamavam pertença independentemente das suas filiações nacionais.¹⁷

Bowdich começa por procurar a etimologia do nome de cada uma destas “families”, tentando estabelecer uma hierarquia entre elas, com base na sua antiguidade e na aptidão dos seus membros para desempenhar certos cargos. De seguida, o autor passa a tentar perceber se a associação de alguns nomes a animais implicava um *tabu* alimentar em relação a estes (o que nem sempre se dava), e se as famílias com nomes relacionados com a caça, a agricultura, o comércio ou a arquitetura desempenhavam papéis sociais determinados por este vínculo (o que não se verificava) (BOWDICH, 1819, p. 230-231; 1873, p. 181-182). Então, é dada ao prelo a seguinte passagem em que Bowdich se refere às “families” “yoko” e “agoona”, cuja etimologia afirma derivar respetivamente da “red earth used to paint the lower parts of the houses in the interior”, inovação que considera de origem lusa, e do “place where palm oil is collected” (BOWDICH, 1819, p. 230; 1873, p. 181):

The origin and improvement of architecture in the red earth; and of commerce, probably, in the palm oil; indeed, the native have included the Portuguese, the first foreign traders they knew in that family, alleging that their long and more intimate intercourse with the blacks has made the present race a mixture of the African and Portuguese (BOWDICH, 1819, p. 231; 1873, p. 182).

Thomas Bowdich admite assim serem de origem portuguesa certas linhagens e instituições locais, mas apenas enquanto chama a atenção para a irracionalidade e falta de coerência dos costumes africanos invariavelmente associados a sacrifícios humanos, execuções, ou ao culto de ‘fetiches’. O significado mais lato da participação portuguesa nas grandes “families” africanas torna-se de seguida evidente, quando o autor sugere que pela ocasião da Guerra Ashanti-Fante (1806-1807) um “fetish”, cultuado por “fetish men

¹⁶ Sendo estas a “Aquonna Abrootoo, Abbradi, Essonna, Annõna, Yoko, Intchwa, Abadie, Appiadie, Tchweedam, Agoona”, e a “Doomina” (BOWDICH, 1819, p. 230; 1873, p. 181).

¹⁷ Assim, um “Ashantee” e um “Warsaw” podiam, apesar das suas origens nacionais diferentes, reconhecerem-se como “irmãos”, se, por exemplo, partilhassem uma ascendência “Annõna” (BOWDICH, 1819, p. 230; 1873, p. 181).

of the sanctuary [...] near Sooprooro”, havia repreendido os beligerantes por serem “formerly all one family” (BOWDICH, 1819, p. 231; 1873, p. 182). Conforme o mito sobre o “Dark Continent” ganha crédito, especialmente nas vésperas e durante a prolongada Guerra Anglo-Ashanti (1824-1901), é fácil perceber o que na perspectiva dos leitores ingleses significa semelhante ligação familiar, englobante dos portugueses. Claramente, estes europeus encontram-se no esquema proposto por Bowdich de tal maneira imiscuídos com a “great family of mankind” africana que não são capazes de promover o seu “moral improvement” (BOWDICH, 1824, p. 1).

Esta incapacidade é trabalhada por Bowdich de uma forma bastante específica. Nas suas obras, ao mesmo tempo que os exploradores britânicos se cruzam com traços materiais deixados em África pelos ‘antecessores portugueses’, os portugueses hodiernos são construídos como incapazes, quer de se organizarem e avançarem com um ‘plano’ para ‘civilizar’ o Continente, quer de acederem aos mais elevados níveis da ciência abstrata da época.¹⁸ Para entender este último ponto, é interessante ter em conta a forma como Bowdich enceta a exploração naturalista dos arredores de Lisboa, antes de seguir para as colónias portuguesas em África, nas quais inclui a ilha da Madeira (BOWDICH, 1825, p. 5-12). O autor descreve desta forma as proximidades do Aqueduto das Águas Livres (dedicando-se de forma idêntica à Ajuda, Almada, e Sintra):

The scabiosa succisa was thinly scattered at the bottom of the hill; the sisymbrium palustre also confined itself to the bottom of the hill; the menthe arcensis grew at the foot, and frequently presented itself until half way up the ascent, where it totally disappeared. About midway, there were some dwarfish tufts of the ulex europæus; and a great profusion of the genista viscosa, the euphorbia dendroides, and the atractylis humilis (BOWDICH, 1825, p. 6).

Bowdich prossegue neste tom por largas páginas, alternando entre análises botânicas, geológicas, paleontológica e zoológicas, no claro propósito de esboçar uma ‘colonização simbólica’ da antiga capital metropolitana do Império Português,¹⁹ que assim é duplamente subalternizada, ao ser retratada de igual modo que os locais

¹⁸ No pensamento de Bowdich a incapacidade científica é inextricável da insensibilidade filantrópica: “alike insensible to the impulse of benevolence and the interests of learning, this state [o Português] refused to make known particulars, from the concealment of which it could derive no advantage” (BOWDICH, 1824, p. 3).

¹⁹ De recordar que quando Bowdich recolhe os seus dados decorria a transferência da Corte para o Rio de Janeiro (1808-1821).

africanos de interesse para o autor e para o público imperialista britânico.²⁰ O abuso da nomenclatura binomial,²¹ marcador explícito do conhecimento elevado à categoria da ‘ciência universal’, na descrição das paisagens de Lisboa, imediatamente após as referências à Inquisição e à incapacidade cultural e desinteresse científico das elites lusas, e antecedendo uma caricatura de um “Coimbra student” obcecado apenas com a materialidade do canudo do seu diploma (BOWDICH, 1825, p. 12-13), tem assim como fim claro aproximar os portugueses dos povos africanos que são o *métier* por excelência do autor. Por outras palavras, Bowdich ‘coloniza’ cientificamente Lisboa e os seus arredores, desqualificando simbolicamente nesse processo os autóctones, não reconhecendo sequer o seu saber abstrato de cunho iluminista.²²

No pensamento de Thomas Bowdich o legado português em África é constantemente relegado para a esfera material, sendo que quando este autor admite que ‘antecessores portugueses’ estão na base de instituições ainda vigentes no Continente, normalmente resultantes de miscigenações continuadas, estas são apresentadas como totalmente ‘africanizadas’ e de acordo com a sua mundivisão, irracionais e ‘fetichistas’. Esta tática retórica revela-se eficaz, não só enquanto forma de desacreditar rivais europeus, como de perpetuar estereótipos arcaicos sobre África. Em concomitância com esta tese, Bowdich avança com uma subalternização do conhecimento científico luso que lhe era coevo (que tem o mesmo destino do conhecimento de matriz africana), parecendo apenas reconhecer a validade das fontes histórico-literárias portuguesas.²³ Recorrendo a estas, em obras como *An Account of the Discoveries of the Portuguese* Bowdich reconstrói uma imagem dos africanos negros enquanto irracionais e sanguinários, retórica que viria a ser usada não só na apologia do novo expansionismo britânico, como plasmada nos *Annaes Maritimos e Coloniaes*, na tradução dada ao prelo do autor. Aí, por exemplo, seguindo em segunda mão escritos originais do explorador Francisco José de Lacerda e Almeida (1750-1798), os “Cazembes” são apresentados como adorando “pequenos

²⁰ Como demonstra Michael Dettelback, esta forma científica de analisar o território não se estendia ao centro do Império Britânico, onde os mapas e as taxonomias construídas no “theater of empire” eram consumidas de uma forma que isolava os seus ocupantes desta forma de tratamento (DETTTELBACK, 2011, p. 258).

²¹ Sobre o recurso à nomenclatura binomial como “linguistic imperialism”, ou “onomastic imperialism”, ver o capítulo da obra de Londa Schiebinger dedicado ao tema (SCHIEBINGER, 2004, p. 195-225).

²² Resultado das ‘viagens filosóficas’ iluministas, por exemplo (PATACA, 2011). De notar que neste período as coleções naturalistas portuguesas haviam já sido saqueadas por Étienne Geoffroy de Saint-Hilaire, que contou com o colaboracionismo de Domingos Vandelli, e o beneplácito britânico – pois a incapacidade científica dos “indígenas” lusos era internacionalmente reconhecida (BRIGOLA, 2012, p. 135-151; ANTUNES, 2011, p. 394-464).

²³ Em detrimento dos dados empíricos ou instrumentais, relacionados com as ciências naturais.

ídolos ocios”, ao mesmo tempo que se defende que “tanto na Côrte do *Muata*, como na de sua mulher, conserva-se a horrível prática de sacrificar todos os dias entre quinze a vinte negros”.²⁴

Sem dúvida que recortando e seleccionando trechos da obra de Bowdich, os editores da publicação esperavam aproveitar-se impunemente de uma aproximação à nova retórica inglesa, que vinha fazendo a apologia da anexação territorial mediante a mobilização dos mitos do “Dark Continent”. Contudo, como se demonstra, era matricial ao esquema de Bowdich uma divisão entre africanos negros e europeus brancos que se equacionava com outros eixos valorativos, nos quais a posição dos portugueses não era de todo coincidente com a dos britânicos. O recurso ao tropo literário dos ‘antecessores portugueses’ e a desvalorização da ciência portuguesa que assentava na noção de que os peninsulares, presos no domínio de uma ‘cultura’ inquisitorial, eram incapazes de aceder da mesma forma que as elites científicas transpirenaicas à ‘natureza’, colocava no discurso de Bowdich os lusos a par com os negros africanos, não mobilizando categorias racialistas. Assim, os portugueses são colocados do lado ‘materialista’ de uma barricada cuja linha divisória vinha sendo conceptualizada desde que teorias sobre o ‘fetichismo’ africano haviam proporcionado um ‘Outro’ constitutivo ao ‘Homem das Luzes’ centro-europeu (PIETZ, 1982, 1988).

O ‘antecessor português’ no “coração da floresta”²⁵ ‘fetichista’

Em 1838, Thomas Fowell Buxton (1786-1845), um dos principais líderes do movimento abolicionista inglês da geração seguinte à de William Wilberforce (1759-1833), publica a sua influente obra *The African slave trade and its remedy* (1838), um tratado que viria a impressionar fortemente Livingstone e a impulsionar definitivamente o novo paradigma expansionista britânico (BRANTLINGER, 1985a, p. 173, 176). Buxton incorporaria na sua obra passagens de Bowdich, bem como de dois contemporâneos de ambos, Richard Lemon Lander (1804-1834) e o capitão James Hingston Tuckey (1776-1816) (BUXTON, 1840, p. 77, 226, 314, 329, 355, 474). Se em *The African slave trade*, o

²⁴ Os “Cazembes” tratam-se dos povos súbditos do Cazembe, potentado formalmente dependente do “Muata”, o soberano da Confederação Lunda. **Annaes Marítimos e Coloniaes**. Publicação Mensal Redigida sob a direcção da Associação Marítima e Colonial (1843), 3.ª Série, parte não oficial. Lisboa: Imprensa Nacional, p. 548-549, 551.

²⁵ Expressão retirada do trecho seguinte de Richard Lander: “The Author, on his visit to a Portuguese pirate, discovers the sacred Fetish-tree of the Badagrians growing in the heart of a forest and covered with the dismembered corpses of human beings” (LANDER, 1830, p. 252).

continente Africano é apresentado já como um “kingdom of darkness” e não como o idílio esboçado pela geração anterior de abolicionistas (BUXTON, 1840, p. 11), a culpa por este estado de coisas não é ainda imputada directamente aos africanos negros, mas sim aos ‘antecessores’ europeus dos britânicos, que na retórica de Buxton haviam corrompido uma arcádia bíblica, cuja queda o autor pinta em tons trágicos miltonianos: “Bosman, about 1700, writes that it was the early European settlers who first sowed dissension among the native of Africa, for the sake of purchasing their prisoners of war” (BUXTON, 1840, p. 227).

Tendo em conta que mais uma vez o influente Willem Bosman surge como fonte (PIETZ, 1982, 1988), é seguro afirmar que o modelo perfeito deste europeu enquanto corruptor ‘luciferino’ dos africanos negros é o ‘antecessor português’, que significativamente surge ‘tentando’ os nativos não com ideais, caso da conversão religiosa ou de outros produtos ‘abstratos’ da civilização ocidental, mas, sim, com bens de consumo material:

The African has acquired a taste for the productions of the civilized world. They have become essential to him. The parent – debased and brutalized as he is – barter his child; the chief his subject; each individual looks with an evil eye on his neighbor, and lays snares to catch him, – because the sale of children, subjects, and neighbors, is the only means as yet afforded, by European commerce, for the supply of those wants which that commerce has created (BUXTON, 1840, p. 7).

Neste trecho, fica claro que para Buxton o ‘materialismo’ africano, que acredita haver sido fomentado ao longo dos séculos anteriores pelo ‘mercantilismo’ português, está na base dos piores abusos humanitários. Se em *The African slave trade* a solução ostensivamente defendida pelo abolicionista é a ‘ocupação’ agrícola e comercial do Continente, despoletada por expedições que ‘abrissem’ África ao comércio britânico (BUXTON, 1840, p. 483), a verdade é que, devido a esta associação forte entre ‘materialismo’ atribuído aos negros africanos e as supostas hecatombes humanitárias, subjacente a tal projecto está um reformismo de cunho intrinsecamente ‘idealista’, articulado mais explicitamente na segunda parte da obra de Buxton. Nesta, de título “The Remedy” e com um capítulo dedicado à “Elevation of Native Mind” (BUXTON, 1840, p. 457-517), o autor apela declaradamente à “suspensão da descrença” dos seus leitores, de forma a poder capitalizar o saldo emocional proporcionado pelos horrores do “kingdom of darkness” que anteriormente havia descrito:

In the first part of this work I have given a description of the deadly superstition which prevails in Africa, and of the effect it produces. The reader is requested to carry a sense of this most miserable state of things along with him, while we are considering what can be done towards the moral, intellectual, and religious improvement of the people (BUXTON, 1840, p. 459).

A “deadly superstition” que Buxton defende proliferar em África é o ‘fetichismo’ que, enquanto ‘materialismo exacerbado’ une, na sua opinião, tanto africanos negros como os ‘antecessores portugueses’, uma vez que estes introduzem mercadorias no continente sem promoverem a “moral, intellectual, and religious improvement of the people” (BUXTON, 1840, p. 459). De acordo com esta mundivisão os negros africanos cultuam objectos materiais, sem se preocuparem em abstrair princípios religiosos, elevando-se assim à ‘idolatria’ (PIETZ, 1982, 1985, 1987, 1988); e trocam parentes por mercadorias, sem cuidarem de qualquer vínculo legal ou afectivo de parentesco, que lhes proporcionaria aceder ao *telos* que desagua na ‘família burguesa’. Por sua vez, ao dedicarem-se ao comércio e à troca de bens materiais sem promoverem uma agenda ‘idealista’ reconhecível a partir do Reino Unido, os ‘antecessores portugueses’ ficam-se neste esquema conceptual pelo mero ‘mercantilismo’, não acedendo ao ‘liberalismo’, que começava a extravasar da esfera da economia para impor as suas lógicas a outros domínios culturais.

Esta associação dos negros africanos supostamente ‘fetichistas’ com os ‘antecessores portugueses’, pela postulação de que ambos sofrem de uma incapacidade mental que os impede de aceder aos cumes abstratos do ‘idealismo’, constitui uma ferramenta capaz não só de minar a legitimidade internacional do Império colonial Português, como de paradoxalmente justificar a expansão comercial e territorial britânica, assente na exportação de mercadorias para África. Estas, de contrário às introduzidas pelos portugueses (ainda que de manufactura inglesa), são desde o início legitimadas com recurso a um trabalho intenso de propaganda publicitária destinada a proporcionar-lhes uma ‘aura’ discernível de agentes civilizacionais (MCCLINTOCK, 1995, p. 207-231). Apesar do cinismo desta estratégia britânica no contexto Africano ser a uma primeira vista gritante, este não chega a ser digno de nota tendo em consideração coevas Guerras do Ópio (1839-1860).

A forma como em *The African slave trade* os ‘antecessores portugueses’ são aproximados aos supostos ‘fetichistas’ negros não é, porém, explícita. De facto, tal como Buxton indica, de maneira a que a sua estratégia funcione plenamente, é essencial que os seus leitores não sejam movidos por argumentos lógicos (*logos*) mas sim que sintam (*pathos*) esta associação próxima, por via de descrições dos ‘crimes’ africanos e portugueses saturadas de sensualismo e exigindo uma grande dose de “suspensão de descrença” (BUXTON, 1840, p. 459). Exemplificativa desta técnica é a seguinte passagem, em que Buxton descreve uma “fetish-tree” encontrada na cidade portuária de Badagry, e um inusitado ritual em seu torno:

Each criminal being conducted to the fetish tree [...] a fellow steals imperceptibly behind him with a heavy club, inflicts a violent blow on the back of the head, and [...] dashes out his brains. The senseless being is then taken to the fetish hut [...] [a sua] head is severed from the trunk with an axe, and the smoking blood gurgles into it [numa cabaça preparada para o receber]. [...] other wretches [...] extract the heart entire from the breast [...], it [o coração] is presented to the King first, and afterwards to his wives and generals [...] and his majesty and suit making an incision into it with their teeth, and partaking of the foamy blood, which is likewise offered, the heart is exhibited to the surrounding multitude. It is then affixed to the head of a tall spear, and with the calabash of blood, and headless body, paraded through the town, followed by hundreds of spearmen, and a dense crowd of people. Whoever may express an inclination to bite the heart or drink the blood, has it immediately presented to him for that purpose, the multitude dancing and singing (BUXTON, 1840, p. 241-242).

De forma a perceber como os ‘antecessores portugueses’ são relacionados com a denúncia de supostas hecatombes como esta, é interessante ter em conta a obra do autor de quem Buxton tomou este trecho de empréstimo: Richard Lander, escritor e explorador profícuo, que publica em dois volumes as memórias da última e gorada expedição de Hugh Clapperton (1788-1827) a África (1830). Do segundo volume destas crónicas consta a descrição da árvore do “fetish” de Badagry, que Buxton copia parcialmente, sendo portanto possível apurar o contexto mais alargado em que Lander situa o culto ‘fetichista’ em discussão. Para tal, é útil começar por transcrever o resumo curto com que o autor abre em epígrafe o capítulo em que a “fetish-tree” faz a sua aparência:

The Fetish-huts and tree at Badagry – Owing to insinuation of the Portuguese the Author is compelled by the priests of the Fetish, to swallow bitter water, being the only European that ever underwent that

dreadful ordeal – His reflections when informed of the circumstance – Astonishing preservation from an expected cruel death – Sacrifices of human beings under the branches of the Fetish-tree, exceeding in atrocity all previous accounts [o trecho em específico que Buxton reproduz] – Song of the inhabitants with Adólee [Rei de Badagry] at their head, on the occasion – The Author, on his visit to a Portuguese pirate, discovers the sacred Fetish-tree of the Badagrians growing in the heart of a forest and covered with the dismembered corpses of human beings – Remarks on the Portuguese (LANDER, 1830, p. 252).

Como se torna claro, a secção introduzida por esta epígrafe é escrita de forma circular, começando com descrições da interferência dos ‘antecessores portugueses’ no culto local dos ‘fétiches’ e terminando com uma imputação a estes da culpa última na manutenção do tráfico negreiro (LANDER, 1830, p. 250). Ao longo deste capítulo, Lander não só narra a cena de execução transcrita por Buxton, como as presumíveis manipulações dos comerciantes portugueses, dando a entender que estes traziam acusações de feitiçaria à consideração do monarca de Badagry de forma a obterem os escravos dos condenados, o que acaba por proporcionar a sujeição de Lander, ele próprio proprietário, ao ordálio da “bitter (poisonous) water” (LANDER, 1830, p. 253-254). Segundo o autor, esta prova judicial teve lugar nas “Fetish-huts”:

In this Pagan sanctuary all suspected persons go through the ordeal of bitter (poisonous) water, in order to ascertain their guilt or innocence; and death, which in almost all cases ensues shortly after the prisoner receives the fatal draught into his stomach [...].[...] the calumnies of the Portuguese had recently begun to display their effects very strikingly; Adólee had latterly behaved in a cold and distant manner to me; and his chiefs studiously shunned my presence... (LANDER, 1830: 253-254).

Após associar os ‘antecessores portugueses’ aos rituais que os “fetish priests” praticam nas obscuras “Fetish-huts” (LANDER, 1830, p. 254, 256), Lander, esticando aos limites a “suspensão da descrença” dos seus leitores, esboça o seguinte quadro, que introduz a passagem sobre a “fetish-tree” citada verbatim por Buxton:

The huge branches of the fetish-tree, groaning beneath their burden of human flesh and bones, and sluggishly waving in consequence of the hasty retreat of the birds of prey; the intense and almost insufferable heat of a vertical sun; the intolerable odour of the corrupt corpses; the heaps of human heads, many of them apparently staring at me from hollows which had once sparkled with living eyes; the awful stillness and solitude of the place, disturbed only by the sighing of the conscious wind through the somber foliage, or at intervals by the frightful screaming of voracious

vultures, as they flapped their sable wings almost in my face – all tended to overpower me; my heart sickened within my bosom, a dimness came over my eyes, an irrepressible quivering agitated my whole frame, my legs refused to support me, and, turning my head, I fell senseless into the arms of Jowdie, my faithful slave (LANDER, 1830, p. 268)!

Lander ‘descobre’ esta sufocante cena atravessando o “heart of a forest” (LANDER, 1830, p. 252) a caminho de conhecer “Don Pedro”, um temível “Portuguese pirate” e traficante de escravos, que, segundo o autor, quase o defrauda e força a “walk the plank” até mergulhar para os tubarões (LANDER, 1830, p. 270). É importante ler para além destes *clichés* gastos e ter em conta que a “suspensão da descrença” podia levar a que estes não fossem questionados pelos leitores de Lander enquanto tal, tanto no caso do estereotipado “*Don Pedro*”, como no da inacreditável “fetish-tree”. Assim sendo, quando Lander tece os seus “Remarks on the Portuguese” o saldo emocional dos seus leitores para com os ‘antecessores portugueses’ e os negros africanos não é com certeza o mais positivo.

A ligação por via do ‘materialismo’ entre negros africanos ‘fetichistas’ e ‘antecessores portugueses’ negreiros, opostos de forma constitutiva ao ‘idealismo’ que Richard Lander entende como subjacente à ação do Império Britânico, permite a este autor manter um discurso duplamente paradoxal. Primeiro, porque apesar de condenatória do imperialismo ‘mercantilista’ luso, a prosa de Lander é ao mesmo tempo apologista da abertura ao comércio britânico e da introdução de novas mercadorias. Segundo, porque apesar de denunciar o tráfico negreiro, o relato de Lander está pejado de admissões de posse de escravos, sendo o seu autor um ‘senhor’ incontrito. Por via da mobilização do binómio ‘idealismo’/‘materialismo’, ilogismos como estes são neutralizados, sendo feita a apologia da superioridade britânica face aos ‘antecessores portugueses’ sem qualquer recurso a teorias racialistas, que até à segunda metade do século XIX não haviam ainda ganho a forte ‘aura’ de prestígio cientificista que as tornaria hegemónicas. Por outras palavras, de acordo com o pensamento colonial britânico deste período (c. 1810-1840), os ingleses podiam depender de trabalho forçado, *coolies* ou escravos, e introduzir irrepreensivelmente qualquer tipo de mercadorias em África, pois contrariamente aos portugueses tinham um plano ‘idealista’ para ‘elevar’ o Continente.

Verifica-se então o que parece ser um reaproveitamento dos discursos iluministas sobre o ‘fetichismo’ africano, que desde a sua origem continham no seu cerne uma crítica

paralela à capacidade ‘civilizacional’ dos povos católicos do sul europeu (PIETZ, 1982, 1985, 1987, 1988). Esta continuidade torna-se ainda mais clara tendo em conta o espólio literário de uma gorada expedição britânica a montante do rio Congo, comandada pelo malogrado James Tuckey (1816), e que resultou na publicação póstuma da obra colectiva *Narrative of an expedition to explore the river Zaire, usually called the Congo, in South Africa, in 1816* (1818). Tal como as obras de Bowdich, *Narrative of an expedition* tem início dando ao prelo um lamento pela falta de interesse científico dos portugueses, que “unfortunately for the world, it was their plan to conceal what they discovered, till it has been lost even to themselves” (TUCKEY, 1818, p. v-vi). De seguida, Tuckey procede a uma descrição científica da flora da ilha de Cabo Verde, em tudo semelhante à que Bowdich havia avançado para os arredores de Lisboa (TUCKEY, 1818, p. 26), dedicando-se *en passant* a traçar o seguinte esboço do “Governor of the island” e seu séquito:

This very disinterested officer, who wears the uniform and has the rank of colonel, is however one of the most sturdy beggars I ever met with, and commenced his attack on our liberality, by telling the purser, that his wife [uma “half-cast” vestida “à la negresse”] desired to ask if he could sell her some butter; but adding, that he knew English officers never sold, but only made compliment. This broad hint was followed up by wishes for porter, cheese, and potatoes; and the example of the Governor was followed by his guests; one of the officers modestly asking me to sell him a pair of old epaulets; another wished he could get a cocked hat; a third, a pair of English shoes; a fourth, a pair of gloves (TUCKEY, 1818, 14-15).

A partir deste ponto, a expedição parte em direção à embocadura do Congo, rio onde Tuckey faz a sua mais mediática ‘descoberta’ geográfica, a Pedra do Feitiço ou “Fetich Rock” (ERVEDOSA, 1980, p. 237, TUCKEY, 1818, p. 96). O nome em português deste monumento proporciona o mote para articular o suposto culto ‘fetichista’ dos africanos negros locais com a herança dos ‘antecessores portugueses’, conexão provada segundo *Narrative of an expedition* pelo uso vernáculo do termo português “feitiço” para definir aquilo que Tuckey e seus companheiros de expedição traduzem como “fetich”: “The word is Portuguese, feitiço, and signifies a charm, witchcraft, magic, &c.; and what is remarkable enough, it is in universal use among all the negro tribes of the Western Coast” (TUCKEY, 1818, p. 375). Esta aproximação, explícita na passagem do diário de Tuckey referente à ‘descoberta’ da Pedra do Feitiço, é igualmente esboçada na descrição que o capitão faz dos homens do “Soyo [Sonio]”:

Several of the Sonio men who came on board were Christians after the Portuguese fashion, having been converted by missionaries of that nation; and one of them was even qualified to lead his fellow negroes into the path of salvation, as appeared from a diploma with which he was furnished. This man and another of the Christians had been taught to write their own names and that of Saint Antonio, and could also read the Romish litany in Latin. All these converts were loaded with crucifixes, and satchels containing the pretended relics of saints, certainly of equal efficacy with the monkey's bone of their pagan brethren; of this we had a convincing proof in each vociferating invocations to their respective patrons, to send us a strong wind; neither the fetiche or Saint Antonio having condescended to hear their prayers. [...] Our Sonio visitors were almost without exception sulky looking vagabonds, dirty, swarming with lice, and scaled over with the itch, all strong symptoms of their having been civilized by the Portuguese (TUCKEY, 1818, p. 79-81).

O suposto 'fetichismo' africano é desta forma tornado indistinguível da herança 'civilizacional' dos 'antecessores portugueses', que surgem assim não só como os responsáveis pela introdução da escravatura no Continente, como pela divulgação de uma 'estirpe' 'materialista' do Cristianismo, indistinguível da "triumphant bestiality" que nos mitos do "Dark Continent" se torna apanágio dos negros africanos (ACHEBE, 1977, p. 1785).

Considerações finais

Como explicar o facto de os portugueses interiorizarem grande parte desta propaganda britânica, chegando a colaborar com a sua divulgação ao produzirem e publicarem traduções de obras que lhes são matricialmente hostis, como *An Account of the Discoveries e King Solomon's Mines?* Que impacto teve no colonialismo português 'efectivo' de finais do século XIX esta aproximação retórica constante entre os 'antecessores portugueses' e os 'fetichistas' africanos? A resposta a ambas as perguntas passa primeiro pela constatação da ascensão e hegemonização internacional da noção de 'progresso' enquanto vitória do 'idealismo' sobre a 'matéria' bruta (ACHEBE, 1977, p. 1784-1785). Esta narrativa claramente atrai as elites portuguesas que se dedicaram a repensar o Império Africano em momentos de vincada redefinição, como o foram as décadas de 1840, após o final da Guerra Civil Portuguesa (1828-1834) e a abolição formal do tráfico

atlântico de escravos (1845),²⁶ e a de 1880 que compreende não só a Conferência de Berlin (1884-1885) como desagua na crise do *Ultimatum* (1890). Nestas conjunturas, não só o Império Britânico era olhado com uma indisfarçável inveja enquanto modelo a emular para que as colónias africanas se tornassem ‘Eldorados’, como toda e qualquer referência internacional aos ‘antecessores portugueses’ era erradamente apercebida como uma vindicação dos ‘direitos históricos’ lusos.²⁷

Com uma falsa noção de segurança derivada de julgarem ocupar o mesmo lado da ‘barricada’ ontológica que os ingleses e demais europeus, os intelectuais portugueses não têm então pejo em reproduzir narrativas propagandísticas em que os ‘antecessores portugueses’, apesar de serem por vezes identificados como ‘brancos’, são constantemente aproximados não do ‘idealismo’ britânico mas sim do ‘materialismo’ dos negros africanos, por via de uma equiparação das práticas lusas ao ‘fetichismo’ destes. Esta manobra salda-se num libelo conjunto a africanos negros e ‘antecessores portugueses’, construídos simultaneamente como escravagistas inveterados, obcecados com mercadorias e bens materiais, e seguidores de uma religião ‘impura’, pois que assente não nos mais elevados ‘ideais’, mas, sim, na manipulação de objectos sacramentais. Se do lado britânico a conclusão inevitável desta manobra retórica é a apologia do sistema de protectorado e da substituição da influência portuguesa no teatro colonial, do lado lusófono a aceitação dos mitos do “Dark Continent” abre um *cul-de-sac* ideológico que seria trilhado por uma geração violentíssima e ressabiada. Esta, agastada pela cáustica reapreciação da cultura lusa encetada pela ‘Geração de 70’, e ciente de uma subalternização perante os britânicos que sente humilhante, seria a responsável pela ocupação efetiva dos territórios africanos, um período de ‘ajuste de contas’ com o ‘Outro’ africano, tido como embaraçosamente próximo do ‘Mesmo’, que terá nos crimes de guerra que Mouzinho de Albuquerque (1855-1902) comete em Chaimite (1895) a sua apoteose simbólica.

²⁶ O decreto de 10 de dezembro de 1836 apenas é publicado em Angola em 1845, quando o Governador-Geral Pedro Alexandrino da Cunha (1845-1848) toma posse do cargo, seguindo-se um longo período de readaptação que culmina com o sofismar em larga medida das medidas abolicionistas (Marques, 1995, 1999).

²⁷ Esta dinâmica é retratada por Valentim Alexandre no seu estudo das iterações do “mito do *Eldorado*” e do “mito da Herança Sagrada” (ALEXANDRE, 1995).

Referências

- ACHEBE, C. “An Image of Africa: Racism in Conrad’s *Heart of Darkness*”. In: CHARTERS, A. **The story and its writer: an introduction to short fiction**. Boston: Bedford Books of St. Martin’s Press, 1995, p. 1783-1794.
- ALEXANDRE, V. A África no Imaginário Político Português (Séculos XIX e XX). **Penélope: Fazer e Desfazer História**, n. 15, 1995, p. 39-52.
- ALEXANDRE, V. A Questão Colonial no Portugal Oitocentista. In SERRÃO, J. (dir.) e MARQUES, A. H. de O. (dir.), ALEXANDRE, V. (coord.) e DIAS, J. (coord.). **Nova História da Expansão Portuguesa**. Vol. X: O Império Africano 1825-1890. Lisboa: Editorial Estampa, 1998, p. 21-132.
- ANTUNES, M. T. Saint-Hilaire e as “Requisições” em Lisboa – Material do Brasil e outro. **Brazilian Geographical Journal: Geosciences and Humanities research médium**, v. 2, n. 2, 2011, p. 394-464.
- BOWDICH, T. E. **Mission from Cape Coast Castle to Ashantee, with a descriptive account of that kingdom**. Londres, John Murray, 1819.
- BOWDICH, T. E. **An Account of the Discoveries of the Portuguese in the Interior of Angola and Mozambique: from original manuscripts**. To which is added a note by the author, on a geographical error of Mungo Park, in his last journal into the interior of Africa. Londres, John Booth, 1824.
- BOWDICH, T. E. **Excursions in Madeira and Porto Santo during the autumn of 1823, while on his third voyage to Africa**. Londres, G. B. Whittaker, 1825.
- BOWDICH, T. E. **Mission from Cape Coast Castle to Ashantee, with a descriptive account of that kingdom**. Londres, Griffith & Farran, 1873.
- BRANTLINGER, P. Victorians and Africans: The Genealogy of the Myth of the Dark Continent. **Critical Inquiry**, vol. 12, n. 1, 1985a, p. 166-203.
- BRANTLINGER, P. “Heart of Darkness”: “Anti-Imperialism, Racism, or Impressionism”. **Criticism**, vol. 27, n. 4, 1985b, p. 363-385.
- BRANTLINGER, P. **Rule of Darkness: British Literature and Imperialism, 1830-1914**. Londres: Cornell University Press, 1988.
- BRIGOLA, J. C. O colecionismo científico em Portugal nos finais do Antigo Regime (1768-1808). In: KURY, L.; GESTEIRA, H. (orgs.). **Ensaio de História das Ciências no Brasil – das Luzes à nação independente**. Rio de Janeiro: Edições UERJ, 2012.
- BUXTON, T. P. **The African Slave Trade and its remedy**. Londres, John Murray, 1840[1838].
- CATROGA, F. A História Começou a Oriente. In: RODRIGUES, A. M. (org.). **O Orientalismo em Portugal (séculos XVI-XX)**. Porto: Edições Inapa, 1999, p. 197-239.
- COLERIDGE, S. T. **Bibliographia Literaria; or. Biographical Sketches of my Literary Life and Opinions**. By Samuel Taylor Coleridge. From the Second London Edition Prepared for publication, in part, by the late Henry Nelson Coleridge; completed and published by his widow. vol. I. Nova Iorque: William Gowans, 1852.

- DETTELBACK, M. Global physics and aesthetic empire: Humboldt's physical portrait of the tropics. In: MILLER, D. P. (ed.) e REILL, P. H. (ed.). **Visions of Empire: Voyages, Botany, and Representations of Nature**. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.
- DIAS, J. Angola. In: SERRÃO, J. (dir.) e MARQUES, A. H. de O. (dir.), ALEXANDRE, V. (coord.) e DIAS, J. (coord.). **Nova História da Expansão Portuguesa**. Vol. X: O Império Africano 1825-1890. Lisboa: Editorial Estampa, 1998, p. 319-656.
- ERVEDOSA, C. **Arqueologia Angolana**. Lisboa: Edições 70, 1980.
- LANDER, R. L. **Records of Captain Clapperton's last expedition to Africa**, vol. II. Londres: Henry Colburn e Richard Bentley, 1830.
- LOBATO, M. **Nos 125 anos do IICT – Ciência portuguesa nas regiões tropicais: do projecto africano ao esvaziamento de políticas sob a III república**, Parte I. 2008. Disponível em <http://www2.iict.pt/?idc=102&idi=13670> acedido a 31 de março de 2016.
- MARQUES, J. P. Resistência ou adesão à «causa da humanidade»? Os setembristas e a supressão do tráfico de escravos (1836-1842). **Análise Social**, vol. 30, n. 2-3, 1995, p. 375-402.
- MARQUES, J. P. **Os Sons do Silêncio: o Portugal de Oitocentos e a Abolição do Tráfico de Escravos**. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, 1999.
- McCLINTOCK, A. **Imperial Leather: Race, Gender, and Sexuality in the Colonial Contest**. Nova Iorque: Routledge, 1995.
- PARAVISINI-GEBERT, L. Colonial and postcolonial Gothic: the Caribbean. In: HOGLE, J. E. **The Cambridge Companion to Gothic Fiction**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- PATACA, E. M. Colectar, preparar, remeter, transportar – práticas de História Natural nas Viagens Filosóficas portuguesas (1777-1808). **Revista Brasileira de História da Ciência**. v. 4, n.º 2, 2011, p. 125-138.
- PIETZ, W. Bosman's Guinea: the intercultural roots of an Enlightenment discourse. **Comparative Civilizations Review**. n. 11, 1982, p. 1-22.
- PIETZ, W. The Problem of the Fetish, I. **RES: Anthropology and Aesthetics**. n. 9, 1985, p. 5-17.
- PIETZ, W. The Problem of the Fetish, II: The Origin of the Fetish. **RES: Anthropology and Aesthetics**. n. 13, 1987, p. 23-45.
- PIETZ, W. The Problem of the Fetish, IIIa: Bosman's Guinea and the Enlightenment Theory of Fetishism. **RES: Anthropology and Aesthetics**. n. 16, 1988, p. 105-124.
- QUEIRÓS, E., HAGGARD, R., FREELAND, A. **As Minas de Salomão – Edição crítica das obras de Eça de Queirós: Traduções**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda 2008 [1885, 1891].
- SCHIEBINGER, L. **Plants and Empire – Colonial Bioprospecting in the Atlantic World**. Londres: Harvard University Press, 2004.

SHEALES, F. **Sights/Sites of Spectacle: Anglo/Asante Appropriations, Diplomacy and Displays of Power 1816-1820.** Tese doutoramento (Arte Africana, da Oceania e América), Universidade de East Anglia, 2011.

TUCKEY, J. H. **Narrative of an Expedition to Explore the River Zaire, Usually called the Congo, in South Africa, in 1816, under the Directions of Captain J. H. Tuckey, R. N.;** To Which is Added, the Journal of Professor Smith; Some General Observations on the Country and its Inhabitants, and an Appendix: Containing the Natural History of that Part of the Kingdom of Congo Though which the Zaire Flows. Londres: John Murray, 1818.

WISNICKI, A. *Reaches of Empire: Heart of Darkness, Colonial Administration, and the Victorian Conspiracy Narrative.* In: STEELE, W. (ed.) e CRAIG, J. (ed.). **Revolutions: Mapping Culture, Community, and Change from Ben Jonson to Angela Carter.** Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2009, p. 101-115.

Fontes

Annaes Maritimos e Coloniaes. Publicação Mensal Redigida sob a direcção da Associação Maritima e Colonial (1840-1841), 1.^a Série. Lisboa: Imprensa Nacional.

Annaes Maritimos e Coloniaes. Publicação Mensal Redigida sob a direcção da Associação Maritima e Colonial (1841-1842) 2.^a Série. Lisboa: Imprensa Nacional.

Annaes Maritimos e Coloniaes. Publicação Mensal Redigida sob a direcção da Associação Maritima e Colonial (1843), 3.^a Série, parte não oficial. Lisboa: Imprensa Nacional.

Recebido em: 31 de março de 2016.

Aprovado em: 15 de dezembro de 2016.